



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 02/05/2025 e 08/05/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
02/05/2025	10,48	286,90	49,08	5,26	4,61
05/05/2025	10,38	290,20	48,37	5,14	4,46
06/05/2025	10,34	288,70	47,98	5,19	4,47
07/05/2025	10,30	288,00	46,95	5,18	4,41
08/05/2025	10,36	287,80	48,03	5,13	4,39
Média	10,37	288,32	48,08	5,18	4,47

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	118,00	
RS – Não Me Toque	118,00	
PR – Pato Branco	119,00	
PR – M.C.Rondon	115,00	
MT – C.N.Parecis	105,00	
MS – Maracaju	117,00	
GO - Rio Verde	114,00	
BA – L.E.Magalhães	112,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	68,00	CIF
Porto de Paranaguá	70,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	63,00	
SC – Rio do Sul	68,00	
PR – M.C.Rondon	56,00	
PR – Pato Branco	61,00	
MT – C.N.Parecis	76,00	
MS – Maracaju	62,00	
SP – Itapetininga	72,00	
SP – Campinas	75,00	CIF
GO – Rio Verde	68,00	
GO – Jataí	68,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	71,00	
RS – Não Me Toque	71,00	
PR – Pato Branco	80,00	
PR – M.C.Rondon	80,00	

Período: 07/05/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 08/05/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	65,88	120,71	73,13

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
08/05/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	76,06
Feijão (saco 60 Kg)	176,25
Sorgo (saco 60 Kg)	60,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,36
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,71**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,63

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Março/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

Após um ensaio de recuperação, as cotações da soja, em Chicago, voltaram a recuar nesta semana. O bushel da oleaginosa, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (08) em US\$ 10,36, contra US\$ 10,40 uma semana antes.

O mercado espera o relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 12/05, o qual será o primeiro que trará projeções para as safras futuras.

Enquanto isso, o plantio da soja, nos EUA, continua avançando bem, apoiado por um clima positivo. O mesmo atingiu a 30% da área esperada no dia 04/05, contra a média de 23% para esta data. Do total semeado, 7% das lavouras haviam germinado, contra 5% na média.

Já na Argentina, a colheita da soja está atrasada, sofrendo paralisações devido a chuvas. Segundo o Ministério da Agricultura local, a atual colheita está nove pontos percentuais atrás do ritmo do ano passado, chegando a 25% da área colhida neste início de maio. A produção final argentina continua estimada em 49 milhões de toneladas.

E no Brasil, os preços da soja voltaram a recuar, puxados pelo recuo em Chicago, pelo recuo no valor dos prêmios (maio veio a US\$ 0,35/bushel em Paranaguá) e um câmbio que chegou a flertar com os R\$ 5,60 por dólar durante a semana (na manhã de quinta-feira, 08/05, estava em R\$ 5,74).

Além disso, a colheita brasileira está praticamente finalizada, restando pouca coisa no Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo, os produtores venderam mais para cumprir os compromissos de custeio com vencimento no final de abril, fato que aumentou a oferta sem um acompanhamento da demanda.

Por sua vez, indo ao encontro das últimas estimativas da Abiove, analistas privados indicam uma safra final brasileira em 168,4 milhões de toneladas, com o Mato Grosso podendo superar as 50 milhões de toneladas. Se não fosse a forte perda gaúcha, perto de 11 milhões de toneladas, a produção nacional teria se aproximado de 180 milhões de toneladas. Por outro lado, a estimativa de exportação continua em 107 milhões de toneladas para o corrente ano comercial, auxiliada pela guerra comercial entre EUA e China (neste último caso, há negociações acontecendo entre os dois países para que esse problema, criado pelos EUA, seja vencido). Mesmo assim, os estoques finais brasileiros estão sendo esperados em 4,6 milhões de toneladas (cf. StoneX).

E no Mato Grosso, segundo o Imea, o próximo ciclo de plantio da soja (2025/26) deverá assistir a um aumento de 1,67% na área daquele estado, com os produtores indicando cautela. A nova safra será semeada somente a partir de setembro naquela região, mas as primeiras estimativas dão conta de uma área ao redor de 13 milhões de hectares. O aumento nos custos de produção inibe os produtores a avançarem em maior plantio. As estimativas atuais dão conta de um aumento de 3,75% nestes custos. Para o novo ciclo, a produtividade média poderá recuar 8,8% em relação ao ano anterior, com a mesma ficando em 60,5 sacos/hectare. Desta forma, usando a produtividade média dos últimos três anos, a expectativa final de produção futura é de

47,2 milhões de toneladas naquele estado, ou seja, 7,3% a menos do que a atual colheita.

Enfim, segundo a Anec, a exportação de soja, pelo Brasil, em maio, está estimada em 12,6 milhões de toneladas, contra 13,47 milhões no mesmo mês do ano passado. Em abril passado as exportações atingiram a 13,5 milhões de toneladas.

E pelo lado dos custos futuros de produção (safra 2025/26), 60% dos fertilizantes necessários já estariam comprados pelos produtores brasileiros. O mercado avalia que a menor disponibilidade de crédito, os juros altos (nesta semana a Selic subiu 0,5 ponto percentual, passando a 14,75% ao ano), a pressão ambiental e os custos mais elevados, deverão frear o aumento da área de soja no país. Segundo estudo da Agrinvest Commodities, usando como base o município de Sorriso (MT), o custo do produtor local de soja, com insumos, irá passar “de R\$ 2.725,19 para R\$ 3.306,14 (+21.3%), levando o custo total de um hectare a saltar de R\$ 5.599,08 para R\$ 6.598,98 (17,8%). Considerando uma produtividade média de 65 sacos por hectare e um preço médio de venda de R\$ 119,33/saco, a margem bruta cairia de R\$ 3.025,89 para R\$ 2.929,18 por hectare (3,2%), e o lucro recuaria 34,1%, ficando em R\$ 1.157,47, contra R\$ 1.756,59 na safra 2024/25”.

Isto tudo se o clima permitir a produtividade projetada e que os preços se mantenham ao redor de R\$ 119,00/saco. Diante de tal cenário, é possível que os produtores brasileiros invistam em menos tecnologia para fazer a futura lavoura de soja, além de pouco aumentarem a área semeada, o que tende a comprometer, justamente, a produtividade média.

E há cenários diferentes no Brasil, quanto a aquisição de fertilizantes. Enquanto no Mato Grosso cerca de 80% dos fertilizantes estão comprados pelos produtores locais, no Rio Grande do Sul falta ainda a comprar 75% do insumo.

MERCADO DO MILHO

O primeiro mês cotado, em Chicago, fechou a quinta-feira (08) em US\$ 4,39/bushel de milho. Uma semana antes o valor do mesmo foi de US\$ 4,63.

Aqui, igualmente, o mercado espera com expectativa crescente o relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 12/05. Este será o primeiro relatório do ano a apontar as projeções iniciais para a safra e comercialização do ano de 2025/26.

Enquanto isso, nos EUA, a área plantada com milho chegou a 40% do total esperado até o dia 04/05. A média histórica, para a data, é de 39%. Do total semeado, 11% das lavouras haviam germinado, contra 9% na média.

Já na China, informações extra-oficiais dão conta de que o país irá aumentar de quatro a cinco vezes sua área de milho transgênico. “Após décadas de cautela, o maior importador mundial de milho e soja aumentou nos últimos dois anos as aprovações de diversas variedades de sementes geneticamente modificadas, promovendo o cultivo biotecnológico, ou tecnologia geneticamente modificada, como uma forma de aumentar a segurança alimentar. Assim, a área de milho transgênico, no país asiático, deverá

aumentar para 3,3 milhões de hectares neste ano. Isso poderá reduzir as importações deste cereal por parte dos chineses. Em 2024, os EUA forneceram 15% das importações de milho da China. Dito isso, o milho transgênico representará apenas 7% da área total semeada com milho naquele país, contra 90% nos EUA e Brasil.

E aqui no Brasil, os preços do milho continuaram com viés de baixa. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 65,88/saco, perdendo quase dois reais em relação a semana anterior. Já o valor praticado nas principais praças gaúchas ficou em R\$ 63,00/saco, contra R\$ 64,00 uma semana antes. E os valores nas demais regiões brasileiras, giraram entre R\$ 61,00 e R\$ 76,00/saco, contra R\$ 63,00 e R\$ 76,00 na semana anterior.

Já na B3, os preços futuros do milho finalizaram o dia 07/05 com movimentações negativas. As principais cotações flutuaram na faixa entre R\$ 65,00 e R\$ 74,46/saco. Essa foi a nona sessão de desvalorizações nos últimos dez pregões da B3 para os contratos do cereal. De acordo com análise da Agrinvest, a aproximação da colheita da safrinha 2025 e as boas perspectivas de produção, especialmente uma safra cheia esperada para o Centro-Oeste, seguem puxando os preços para baixo. Lembrando que, em abril, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (região de Campinas – SP) já acumulou baixa de 8,6% para o milho.

Dito isso, a StoneX elevou sua estimativa de produção nacional total para 132,4 milhões de toneladas, sendo que a safrinha chegaria a 104,3 milhões em 2024/25, enquanto a safra de verão teria atingido a 25,9 milhões de toneladas e a terceira safra um pouco mais de 2 milhões.

Em paralelo, a Aprosoja do Mato Grosso do Sul apresentou um estudo sobre os custos de produção da segunda safra de milho de 2024/25. De acordo com o mesmo, considerando todas as despesas (diretas e indiretas) da atividade, incluindo custos fixos e variáveis, “para produzir um hectare de milho em sistema de cultivo solteiro, o agricultor daquele estado desembolsou mais de R\$ 4.700,00, o que corresponde a 89,5 sacos por hectare. Os cálculos foram realizados com base na produtividade média estimada de 81 sacos por hectare, e no preço médio de R\$ 50,00 por saco de 60 quilos. Os itens de maior peso no custeio da lavoura foram os fertilizantes, que correspondem a 41,8% do total, o equivalente a 24,2 sacos/ha, seguidos pelas sementes, responsáveis por 27,3% ou 15,8 sacos/ha e inseticidas, que representam 9,8%, equivalente a 5,7 sacos/ha, contribuindo significativamente para a composição final do custo. Além dos insumos, o levantamento apontou despesas administrativas, assistência técnica, armazenagem, transporte, juros e depreciação de maquinário como componentes do custo operacional da lavoura. Já o custo total contemplou, ainda, a remuneração do capital investido. Nas áreas com rotação de cultura, onde o milho é utilizado para amortizar os custos da safra de soja, o custo por hectare cai para R\$ 3.278,83 ou 65,6 sacos. Contudo, os fertilizantes e sementes seguem como as principais despesas do custeio, representando, juntos, 70% do total, equivalente a 40 sacos/ha”.

A conclusão do estudo é que a cada safra que passa as margens de lucro estão cada vez mais reduzidas, exigindo do produtor “uma capacidade de planejamento, gestão e tomada de decisões muito eficientes”. Outra conclusão, que é óbvia, foi de que “o milho, em rotação com a soja, é mais vantajoso economicamente. Neste modelo, o

lucro é de 15,4 sacos, enquanto no sistema solteiro, o custo em saco por hectare ultrapassa a estimativa média de produtividade”.

Essa é uma realidade que pode ser repassada a todas as regiões produtoras nacionais, tanto na primeira quanto na segunda safra, guardados os valores e as características regionais.

Dito isso, enquanto a iniciativa privada espera uma safra total de milho, no Brasil, entre 132 e 135 milhões de toneladas, o Imea elevou em 3,9% sua previsão de safra para o Mato Grosso, a 48,9 milhões de toneladas, o que seria uma alta anual de 3,6%. Naquele estado, a produtividade alcançaria 114,5 sacos/hectare.

Já em termos de Brasil, o desenvolvimento das lavouras da segunda safra, segundo a Conab, segue avançando. Até o dia 04/05 cerca de 1% das mesmas estavam em fase de maturação. Ao mesmo tempo, 44,3% estavam em enchimento de grãos, 43,6% em floração e 11% em desenvolvimento vegetativo. A maioria das lavouras apresenta boas condições no Mato Grosso, enquanto no Paraná, a redução das chuvas afeta o potencial produtivo da cultura em grande parte do estado. Neste caso, segundo o Deral, as lavouras semeadas se dividiam entre 7% ainda em desenvolvimento vegetativo, 26% em floração, 61% em frutificação e 6% já em maturação. Por sua vez, 62% das lavouras estavam em boas condições, 24% em condições médias e 14% ruins.

A Conab também informou que a colheita da safra de verão chegou, nesta semana, a 73,3% do total cultivado, contra 71,4% da média.

Enfim, a Secex apontou que o volume embarcado de milho, em abril, chegou a 178.347 toneladas, ficando 170% acima do volume de abril do ano passado. Esta performance se deve em muito à guerra comercial entre EUA e China. Já o preço médio, pago pela tonelada do milho brasileiro, caiu 23,8% em comparação com abril de 2024, ficando em US\$ 274,30.

MERCADO DO TRIGO

Após poucas oscilações, a cotação do trigo, em Chicago, para o primeiro mês cotado, pouco se alterou em relação a semana anterior. O fechamento desta quinta-feira (08) ficou em US\$ 5,13/bushel, contra US\$ 5,19 uma semana antes.

Enquanto isso, o plantio do trigo de primavera, até o dia 04/05, atingiu a 44% da área esperada nos EUA, contra 34% na média histórica. Já as condições do trigo de inverno, no dia 04/05, se apresentavam com 18% das lavouras entre ruins a muito ruins, 31% regulares e 51% entre boas a excelentes.

Por outro lado, a produção do cereal no Canadá deverá crescer 2% em 2025/26, devido a aumento de 2,6% na área semeada (cf. USDA). A área total plantada com trigo naquele país deve atingir 11,1 milhões de hectares. A maior parte do crescimento virá do trigo de primavera, com incremento de 193.000 hectares, enquanto o trigo duro deve manter a mesma área e o trigo de inverno terá um acréscimo de 90.000 hectares, principalmente na província de Ontário. A produção total de trigo canadense está

estimada em 35,6 milhões de toneladas. Caso essa projeção se confirme, será o maior volume desde a safra histórica de 2013/14, quando o país colheu 37,5 milhões de toneladas. Lembrando que o Canadá é um dos principais produtores e exportadores de trigo do mundo. Para 2025/26, as exportações canadenses devem crescer 2% em relação ao recorde de 26 milhões de toneladas do ano anterior (cf. Agrolink).

E no Brasil, apesar de os preços do trigo terem subido em abril, nestes primeiros dias de maio o mercado se estabilizou no Paraná e está em recuo no Rio Grande do Sul. No início de abril passado, o valor médio ao produtor rural foi de R\$ 80,00/saco no Paraná e R\$ 74,00 no Rio Grande do Sul. Hoje o mesmo permanece em R\$ 80,00 nas principais praças paranaenses, porém, recuou para R\$ 71,00 nas principais praças gaúchas.

Por sua vez, a Abitrigo informou que a moagem de trigo no Brasil, em 2024, cresceu 3% sobre o ano anterior. O volume total moído foi de 13,2 milhões de toneladas em 150 plantas industriais, com um aumento de 380.432 toneladas. A destinação das farinhas produzidas seguiu a tendência de anos anteriores: panificação e pré-misturas (30%), indústria de massas (15,4%) e indústria de biscoitos (11,9%). O trigo importado representou 50% do total moído, sendo que o Norte e o Nordeste apresentaram a maior proporção do cereal importado.

Enfim, segundo a TF Agroeconômica, justificando o comportamento atual dos preços, o mercado de trigo no Sul do Brasil segue com dinâmicas distintas entre os estados. No Rio Grande do Sul, as duas últimas semanas foram marcadas por vendas expressivas por parte dos produtores às cooperativas, que, por sua vez, têm repassado o trigo aos moinhos. “Com os moinhos já abastecidos para maio e parte de junho, os preços recuaram. O mercado segue vendedor, com cerca de 50.000 toneladas disponíveis, e negócios pontuais foram registrados a R\$ 1.400,00/tonelada no FOB, com ofertas chegando a R\$ 1.390,00/tonelada para trigo com PH 76. Para a safra futura, os preços seguem em R\$ 1.340,00/tonelada sobre rodas no porto, com moinhos ainda fora das negociações. Em Santa Catarina, o cenário é oposto: há escassez de ofertas e estabilidade de preços no balcão por quatro a cinco semanas. Uma oferta de trigo gaúcho apareceu naquele Estado a R\$ 1.450,00/tonelada FOB, e uma compra de trigo melhorador no RS foi feita a R\$ 1.510,00/tonelada FOB. Já os preços pagos aos tricultores permaneceram estáveis, entre R\$ 75,00 e R\$ 80,00/saco conforme as diferentes regiões. E no Paraná, a dificuldade em encontrar trigo nacional tem levado à procura por produto ou farinha da Argentina, mantendo os preços elevados. Para a safra atual, há compradores pagando R\$ 1.600,00/tonelada FOB, com entrega em junho e pagamento em julho. Vendedores pedem de R\$ 1.600,00 a R\$ 1.650,00/tonelada FOB, com poucos negócios realizados. A nova safra ainda não despertou interesse vendedor, e os compradores indicam valores entre R\$ 1.450,00 e R\$ 1.500,00/tonelada CIF moinho” (cf. Agrolink).

Apesar dos preços firmes no Paraná, segundo o Deral, o lucro do tricultor paranaense recuou. O preço médio semanal apurado subiu 0,33%, chegando a R\$ 80,16/saco, enquanto o custo de produção estimado está em R\$ 73,53/saco. Isso representa um lucro médio de 8,85%, contra os 13,39% registrados anteriormente.